

■ MÁRCIA NIGIOLELA

Mulher tem papel mais activo na sociedade

Assinala-se hoje o Dia da Mulher Africana. A data foi instituída a 31 de Julho de 1962, em Dar-es-Salaam, Tanzânia, por 14 países e oito movimentos de libertação nacional, na Conferência das Mulheres Africanas. A propósito da data, o *Jornal de Angola* ouviu algumas mulheres. De um modo geral, consideram que hoje, elas desempenham um papel mais activo.



Manuela Gomes

A mulher desempenha um papel mais activo na sociedade, embora ainda sofra com as heranças históricas. Graças às lutas contínuas, ela vem ocupando o seu lugar nas estruturas sociais, abandonando a figura de mera dona de casa e assumindo cargos importantes em empresas. Também desempenha um papel importante nos processos de paz.

Márcia Nigiolela, membro do Fórum da Mulher Jornalista, afirma que o empoderamento, a igualdade do género e os direitos das mulheres são essenciais não só para elas como para toda a sociedade. Reconhece que a mulher desempenha um papel preponderante na construção de uma nova África.

"Sem prejuízo dos homens, o papel da mulher é fundamental. Por exemplo, o papel reservado à mulher no seio

familiar fá-la uma influenciadora de valores e "sonhos" necessários aos africanos", sublinhou.

Márcia Nigiolela frisou que além das exigências do serviço, a mulher é ainda sobrecarregada com o cuidado dos filhos e da família. "Ela exerce uma grande influência na educação dos filhos, de modo a torná-los respeitosos e tolerantes", referiu.

"Estou convicta de que teremos homens mais respeitadores dos direitos humanos na medida em que tivermos mães com capacidade de inculcar na consciência dos filhos o valor dos seres humanos", disse. Acrescentou, para isso, que o modelo de educação não pode estar assente na descriminação das meninas, na exclusão de oportunidades e no favorecimento injustificado dos rapazes.

A quota de participação da mulher africana, nos

órgãos de decisão é de 30 por cento, mas muitos países africanos não atingiram esta meta.

A jornalista considera a ocupação de cargos de decisão por mulheres, uma preocupação das sociedades mais sensíveis às questões de género. É também, disse, a concretização do primeiro princípio do empoderamento das mulheres, criado pela Assembleia Geral da ONU em Julho de 2010, em estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de género, ao mais alto nível.

"Neste quesito, no nosso contexto, houve um certo retrocesso o facto de o Parlamento angolano ter diminuído o número de deputadas à Assembleia Nacional no início da presente legislatura em relação a anterior", referiu.

"O caminho se faz caminhando e seria bom que as lideranças políticas não perdessem de vista a represen-

tatividade das mulheres nas suas organizações".

Empoderamento

No que toca ao emponderamento da mulher africana, a jornalista ressaltou alguns dos princípios estabelecidos pelas Nações Unidas, como o tratamento de todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos.

Márcia Nigiolela considera a educação, capacitação e desenvolvimento profissional, elementos fundamentais para a emancipação da mulher.

"Não tenho dúvidas de que a educação das mulheres permitirá maior qualificação, mais oportunidade de emprego e rendimento e, consequentemente, menos pobreza para si e a família".

Márcia Nigiolela felicitou as mulheres de África, sem excluir as que não sendo africanas trabalham em prol do nosso continente.



■ PRESIDENTE DA LIMA

Falta de diálogo é um entrave à emancipação da mulher

Edna Dala

A presidente da Liga da Mulher Angolana (LIMA), Helena Bonguela Abel, apontou a falta de diálogo e motivação como os grandes entraves à emancipação da mulher em Angola, quiçá em todo o continente.

Alíder da organização feminina da UNITA, que falava ao *Jornal de Angola*, por ocasião do Dia da Mulher Africana que hoje se assinala, reconheceu que já é possível ver algumas mulheres em cargos de direcção e chefia, mas, na sua óptica, o número ainda é insatisfatório.

Helena Bonguela considerou o Dia da Mulher Africana como um marco histórico que faz parte da luta de emancipação da mulher. Essa luta, considerou, circunscreve-se à conquista das mulheres para os lugares de decisão a todos os níveis, onde possam experi-

mir os seus problemas e participar na solução dos mesmos. "Se tivermos em conta a história de outros países, apenas o Rwanda conseguiu atingir a paridade. Os outros continuam na luta e procuram atingir, pelo menos, aquilo que as Nações Unidas recomendam em termos de representatividade de mulheres nos lugares de decisão, o que faz com que a mulher desperte todos os dias, cada vez mais, para essa luta de emancipação", disse.

A líder da LIMA apontou como um dos maiores desafios a necessidade das mulheres incluírem nos seus projectos e programas o apoio à mulher jovem e despertar neste sentido o gosto e o espírito da política. Só assim, considerou, terão capacidade de analisar os fenómenos e avaliá-los em que pé estão e que objectivos pretendem alcançar.



Bonguela reconhece que há mais mulheres em cargos de chefia

■ SECRETÁRIA PROVINCIAL DA OMA

Uma jornada de reflexão

Ana Paulo

A secretária Provincial da OMA em Luanda, Eulália da Rocha, disse que o Dia da Mulher Africana converte-se, todos os anos, numa verdadeira jornada de reflexão sobre o papel da mulher no continente, igualdade de género e participação nos processos de desenvolvimento.

Este ano, a organização feminina angolana comemora o Dia da Mulher Africana sob o lema "Aumentar a Solidariedade com as Mulheres Refugiadas, Deslocadas e Retornadas promovendo os seus direitos e das suas famílias".

A este respeito, frisou que mais de 700 mulheres refugiadas residentes na província de Luanda manifestaram desejo de regressar aos países de origem.

De acordo com a secretária provincial da OMA, a maioria das refugiadas é proveniente da República Democrática do Congo, Rwanda, da Serra Leoa,



Eulália da Rocha pede mais reflexão em torno do papel da mulher

Chade, Libéria, Etiópia, Eritreia, Burundi e Somália.

Eulália da Rocha disse que a maior representação das refugiadas está em várias comunidades localizadas nos Distritos Urbanos do Neves Bendinha, da Maianga e no Município de Viana.

Acrescentou que a OMA tem trabalhado com as organizações comunitárias responsáveis e com o Governo

no sentido de resolver alguns constrangimentos que enfrentam, particularmente no que diz respeito aos documentos de identificação.

No campo da integração, segundo a secretaria geral da OMA, as mulheres refugiadas pretendem enquadrar os filhos no sistema escolar angolano, mas como não dispõem de documentação, não conseguem fazê-lo. Muitas delas, acres-

centou, têm filhos nascidos cá, que não estão registados, nem dispõem de documentos paternos para o efeito. "Como é um assunto de Estado, como organização feminina vamos colocar as preocupações para posteriormente ajudarmos no que for preciso.

Emancipação

A secretária provincial da OMA defende que para haver emancipação é necessário que a sociedade também esteja emancipada.

Segundo Eulália da Rocha, a mulher já passou por momentos difíceis, mas hoje a situação é diferente, porque tem conquistado o seu lugar na sociedade.

Até ao momento, disse Eulália da Rocha, uma das grandes lutas é o combate ao analfabetismo entre as mulheres, particularmente no meio rural.

"Enquanto o analfabetismo não for erradicado será difícil falar-mos de emancipação", sublinhou Eulália Rocha.

O que elas sabem sobre a data

O *Jornal de Angola* saiu à rua para saber o que as mulheres sabem sobre o dia 31 de Julho.

Do grupo de 10 mulheres anónimas interpeladas, apenas uma jovem conseguiu dizer o significado da efeméride. A maioria mostrou desconhecer a data e o seu significado.

Joana Zua Muinga, mãe de cinco filhos, com o rosto a revelar cansaço em função da correria diária e com um molho de roupas sobre os ombros, considerou a data importante porque é celebrado o Dia da Mulher Africana.

A jovem, de 29 anos, disse que as mulheres ainda não são valorizadas, são sacrificadas todos os dias porque os homens sempre acham que elas serviam apenas para cozinhar, lavar e cuidar das crianças, o que, hoje já não é linear. "Hoje, está mais do que provado, a mulher tem

capacidades para fazer tudo, além de cuidar do lar", afirmou.

Joana Muinga revelou que concluiu a 6ª classe, quando engravidou do primeiro filho. Por falta de apoios, teve de largar os estudos para sustentar os filhos.

Adelina Sabalo, "cambista" de rua (vulgo kinguila) na Baixa de Luanda, disse ter o ensino médio, mas que, por falta de condições financeiras, não foi possível ingressar no superior. Por isso, além da troca de dinheiro, socorre-se da venda de cartões de recargas das operadoras móveis de telefonia para garantir a subsistência e da família.

Adelina reconheceu que hoje as mulheres são mais valorizadas comparativamente ao passado. "Hoje já vemos senhoras no aparelho do Estado e não só, dando o seu contributo em sectores-chave como a Saúde, Educação e outros", disse, com orgulho.